

FORJANDO ARTESANALMENTE UMA ABORDAGEM REFLEXIVA PARA AS TEORIAS DA ADMINISTRAÇÃO

Gabriel Farias Alves Correia¹

José Vitor Palhares dos Santos²

Kaio Lucas da Silva Rosa³

Figura 1 – Luminária de Carrieri



Fonte: Reprodução Instagram (2023).

¹ Doutor em Administração (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil). <http://lattes.cnpq.br/8983727420038399>. <https://orcid.org/0000-0002-8534-0543>. correiafga@gmail.com. Endereço para correspondência: Rua Espírito Santo, 2050, ap. 1004, Lourdes, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 30160-032. Telefone: (55 31) 991655281.

² Doutor em Administração (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil). Professor EBTT da Fundação Osório. <http://lattes.cnpq.br/9585886677023257>. <https://orcid.org/0000-0002-9190-3875>. titopalhares@hotmail.com.

³ Mestrando em Administração (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil). <http://lattes.cnpq.br/3996095144509648>. <https://orcid.org/0000-0001-7865-6585>. kaiorosa98@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A contribuição da perspectiva histórica aos Estudos Organizacionais, além da interseção entre História e Administração, não é recente (Booth & Rowlinson, 2015; Hodge & Costa, 2021; Üsdiken & Kipping, 2022) e tem experimentado um notável crescimento nos últimos anos. Autores como Carneiro (2016) e Costa e Wanderley (2021) afirmam haver uma tendência de extensão de trabalhos no campo dos Estudos Organizacionais brasileiros relacionados à história a partir de 2008, considerando que esses estudos ainda dependem de fontes teóricas externas.

A perspectiva histórica na Administração tem focado, principalmente, nas histórias dos negócios (*business history*), da gestão (*management history*) e de organizações (*organizational history*) (Maclean *et al.*, 2020; Reinecke *et al.*, 2020). Contudo, apesar desse resgate, há uma lacuna de pesquisa em relação a outros níveis de análises históricas, como quanto à ênfase na pesquisa e ensino em Administração, de modo geral, e em estudos organizacionais, em particular, buscando compreender a evolução desse campo ou até mesmo a trajetória histórica de currículos e disciplinas (Bruce, 2006; Fischer, 2010; Fischer, Waiandt & Fonseca, 2011; Carneiro, 2015). Partindo dessa lacuna, o objetivo deste artigo é analisar a trajetória histórica da disciplina “Teoria da Administração I” (TA I) no currículo do curso de graduação em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) entre os anos de 2004 e 2022, destacando a atuação do professor Alexandre de Pádua Carrieri (Carrieri, Krrieri, ou ainda, simplesmente K) para a sua formatação.

Este estudo se justifica pelo fato da UFMG se destacar entre as primeiras instituições que ofereceram o curso de Administração no Brasil, no início da década de 1950, e por esse curso ter se consolidado, conforme exemplificado pelo *ranking* divulgado pela Folha de São Paulo, como um dos melhores cursos de

Administração do país⁴. Além disso, enfatizamos a relevância de TA I para o curso de Administração (Fischer, 2003; Skora & Mendes, 2001; Waiandt & Fischer, 2013; Morais *et al.*, 2020), já que a incompreensão dessas teorias pode comprometer o entendimento de perspectivas mais atuais, reproduzindo distorções graves sobre o processo de formação do pensamento administrativo (Vizeu, 2010; Bridgman, Cummings & Ballard, 2019; Carrieri & Correia, 2020).

Além disso, quando a história é abordada na Administração, muitas vezes seu tratamento simplista e evolutivo não é questionado por professores e alunos (Cummings & Bridgman, 2011). Nesse sentido, ao incentivar os alunos a desenvolverem a capacidade de pensar criticamente sobre representações históricas, não apenas promovemos uma maior consciência histórica, mas também incentivamos os alunos a serem pensadores organizacionais mais críticos e criativos para o futuro (Cummings & Bridgman, 2011, 2016).

Outro fator que frisamos é a proeminência de Carrieri, Professor Titular da UFMG e atual Subcoordenador do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade (NEOS), à frente da disciplina Teoria da Administração I (TA I) há mais de 18 anos. Logo, investigar a trajetória histórica de uma disciplina basilar para o curso de Administração da UFMG a partir da atuação de um dos distintos professores de seu quadro, é parte do exercício de reflexão sobre a construção histórica de disciplinas e currículos na Administração. Temos, nesse sentido, a finalidade de contribuir para a reflexão da formação suscitada em Administração como ciência, e ciência social, destacando o desenvolvimento do conhecimento sobre gestão e organizações na contemporaneidade.

Alguns estudos da Administração propuseram investigar os currículos e disciplinas da área no Brasil (Skora & Mendes, 2001; Fischer, 2003; Ribeiro & Sacramento, 2009; Fischer, Waiandt & Fonseca, 2011; Nascimento & Araújo, 2016) e, portanto,

⁴ Ranking universitário da Folha 2019. Recuperado de: <https://ruf.folha.uol.com.br/2019/ranking-de-cursos/administracao-de-empresas/>. Acesso em 25 de julho de 2023.

embasaram este trabalho. As pesquisas sobre as histórias das disciplinas escolares almejam compreender as transformações ocorridas em vários aspectos de uma disciplina ao longo dos anos, como as mudanças ocorridas em relação ao nome, ao conteúdo ministrado, aos métodos de ensino, aos motivos que levaram um conhecimento a ser ensinado, conservado, excluído ou alterado em determinado tempo e local. Ao mesmo tempo, são estudados os caminhos trilhados por determinada disciplina em virtude de conflitos institucionais e da interferência de políticas educacionais (Rocha, 2003; Oliveira, 2017). Nesse sentido, cabe a nós, professores e pesquisadores, analisar esse itinerário das disciplinas, convertendo-as em eficazes suportes à prática administrativa e ao estudo das organizações.

Em um cenário nacional de multiplicação de cursos de graduação em Administração e de alta demanda de estudantes pelo curso (Pinto & Junior, 2012; Aparecido, Aparecido & Zambon, 2020), se faz cada vez mais necessário atentar-se para a organização e desenvolvimento curricular da área e seus impactos na formação do administrador (Silva & Fischer, 2008; Ferreira, 2016), uma vez que há diversas críticas sobre a formação e a eficácia dos cursos de Administração no Brasil desde a sua criação (Mattos & Bezerra, 1999; Boaventura *et al.*, 2018). Com isso, uma formação mais robusta e enriquecedora depende, dentre outros fatores, de um currículo e de disciplinas adequadas a uma formação crítica e reflexiva (Skora & Mendes, 2001; Rodrigues & Matias, 2016).

Ao analisar a trajetória histórica da disciplina TA I no curso de Administração da UFMG, de 2004 a 2022, pudemos enfatizar o modo como a presença de Carrieri na disciplina moldou-a com uma perspectiva reflexiva, afastando-a dos manuais tradicionais e incorporando abordagens de autores clássicos e contemporâneos, visões críticas de outros acadêmicos e recursos culturais, como filmes. Isso foi baseado em uma formação mais abrangente e engajada para os estudantes, promovendo uma compreensão mais situada da administração. Ao final, elucidamos algumas contribuições deste estudo utilizando uma analogia entre a atividade artesanal de Carrieri de forjar o vidro e sua atuação como professor na

disciplina TA I para enfatizar certos aspectos do seu método de ensino e de construção da disciplina. Realçamos características como a criatividade, a atenção aos detalhes, a diversidade de abordagens, a abordagem crítica e o processo cuidadoso de construção da disciplina. Além disso, pudemos ressaltar a importância de abordagens históricas em Estudos Organizacionais, bem como investigações sobre o impacto na formação profissional.

CURRÍCULOS ESCOLARES E A DISCIPLINA “TEORIA DA ADMINISTRAÇÃO” NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DO BRASIL

O currículo escolar é um dos principais componentes da educação, pois se refere ao conjunto de conhecimentos, habilidades, valores e atitudes que os discentes devem adquirir durante sua formação. É através dele que se materializam as experiências, vivências, crenças, representações e os saberes da comunidade escolar (Sacristán, 2017). Já a teoria subjacente que o currículo toma por referência influencia, entre outras coisas, em como o currículo é estruturado e organizado. Existem diversas teorias sobre currículo, que variam conforme as diferentes concepções de educação, homem, mundo, sociedade defendidos e os princípios filosóficos, histórico-políticos e socioculturais que postulam seus autores, ainda que se destaquem as teorias tradicionais, críticas e multiculturalistas para a formulação dos currículos (Silva; Fischer, 2008; Ribeiro & Sacramento, 2009; Silva, 2016). Para Silva (2016), tais teorias se caracterizam pelos conceitos que enfatizam, e compreender essas diferentes abordagens nos leva a refletir para que serve, a quem serve e que política pedagógica orienta a elaboração do currículo.

As abordagens tradicionais, que ainda se apresentam como hegemônicas na área da educação, se baseiam fundamentalmente no conceito de eficiência organizacional e geração de maiores resultados possíveis na construção de currículos. Tais abordagens consideram o currículo como algo neutro e produz um apagamento acerca de questões econômicas, políticas e culturais, focando estritamente em aspectos como ensino, aprendizagem, avaliação, metodologia,

didática, eficiência, entre outros. Nesse contexto, as abordagens tradicionais concebem o currículo como a organização de conteúdos encadeados em uma ordem predeterminada a serem ensinados de forma sequencial, hierárquica e universal, a fim de atender eficientemente às demandas do mercado de trabalho (Silva, 2016).

Tal perspectiva foi duramente combatida pela corrente crítica, que não se detém tanto aos aspectos estruturais burocráticos e formais dos currículos, mas busca compreender os interesses e as relações de poder refletidos neles, principalmente embasados no conceito de luta de classes. Considerando, assim, o currículo um instrumento de poder e controle social, uma vez que pode refletir e reproduzir as desigualdades sociais, econômicas e culturais. A abordagem crítica pondera que não existem teorias neutras e foca em aspectos como ideologia, poder, classe, emancipação, entre outros. Para essa teoria, o currículo não seria apenas um conjunto coordenado e ordenado de disciplinas, como também uma estrutura crítica que permite uma perspectiva libertadora em favorecimento de grupos populares (Silva, 2016).

Já a abordagem multicultural ou pós-crítica apresenta certa continuidade em relação à perspectiva crítica, mas busca avançar ao incorporar a dimensão cultural dos olhares e interesses de diferentes grupos minorizados, desconsiderados no processo de construção de conhecimento nas perspectivas anteriores. Tais teorias focam no sujeito e problematizam a hegemonia de determinados grupos étnicos e econômicos, enfatizando a identidade, alteridade, diferença, subjetividade, gênero, raça e o reconhecimento da pluralidade cultural e diversidade humana. Nesse caso, além de compreender realidade social dos indivíduos, o currículo passou a destacar a diversidade das formas culturais do mundo contemporâneo. Promulgando que não existe um conhecimento único e verdadeiro, e defendendo que as desigualdades existentes nos processos educacionais não são oriundas, exclusivamente, da luta de classes, mas são atravessadas por outras dinâmicas de exclusão que ocorrem na sociedade (Silva, 2016).

Neste artigo, consideramos que o conhecimento não é transmitido aos alunos de forma neutra e acrítica. Ao contrário, o conhecimento deve ser considerado socialmente válido por determinado grupo social em um período de tempo específico (Bittencourt, 2003; Goodson, 2003; Oliveira, 2017). Nesse sentido, consideramos que o currículo pode ser compreendido em termos estruturais e relacionais, já que não se trata de algo neutro ou desinteressado, mas que está intimamente relacionado às estruturas econômicas e sociais. Estas vão influenciar quais conhecimentos serão selecionados, legitimados ou não (Silva, 2016). Ademais, é necessário evidenciar e problematizar o caráter histórico, social e arbitrário dos currículos, cabendo ao campo de estudo da história das disciplinas analisar “a gênese e os diferentes momentos históricos em que se constituem os saberes escolares, visando perceber a sua dinâmica, as continuidades e descontinuidades no processo de escolarização” (Bittencourt, 2003, p. 15).

Já a disciplina escolar é uma estrutura de conteúdos e métodos que integra uma estrutura mais ampla do currículo e envolve a construção de conhecimento, sua conversão em discurso e a difusão social deste (Fischer, 2003). Os professores possuem certa autonomia para dividir, organizar, articular e avaliar o ensino, mas essa autonomia é relativa aos conhecimentos, hábitos e aos valores experienciados na prática pedagógica, que são influenciados, sobretudo, pelos aparatos institucionais (Waiandt & Fischer, 2013; Andrade & Almeida, 2018). Assim, o processo de seleção do conteúdo das disciplinas e de (re)construção dos currículos pode ser realizado de diferentes formas, reflexionando sobre os níveis de mediação que se inter cruzam, como aspectos jurídicos, institucionais e pessoais (Rocha, 2003). Ao mesmo tempo, são considerados aspectos conexos a (re)orientação e a negociação de leis (como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), normas, regulamentações, percepções, interesses pessoais, guias curriculares, dentre outros fatores que serão contingenciados e interpretados por aqueles responsáveis pela construção de currículos e disciplinas educacionais. Destacamos que as transformações de ordem econômica, social, cultural e política refletem, também, alterações ideológicas e de olhares distintos sobre os currículos. Contudo, apesar do peso da orientação e negociação desses

fatores, alguns autores afirmam que quanto maior o grau de maturidade de uma disciplina e dos profissionais do campo, maior será o impacto dos aspectos internos no seu desenvolvimento (Ferreira & Moreira, 2001).

A formulação de currículos especificamente para os cursos de graduação em Administração no Brasil é um tema que tem sido debatido por vários pesquisadores desde a implantação do seu primeiro currículo, isto é, na década de 1960. Nesses debates, há uma crença de que uma formação mais completa, robusta e enriquecedora de administradores dependeria, dentre outros fatores, de currículos e disciplinas adequadas a esta formação (Ferreira *et al.*, 2016), ainda que o que tem se observado na prática seja um não favorecimento da instrumentalização das disciplinas para o exercício da profissão (Silva & Fischer, 2008). Autores como Oliveira, Lourenço e Castro (2015), Vasconcelos, Costa e Carvalho (2016) e Carrieri e Correia (2020) afirmam que, muitas vezes, os cursos de Administração no Brasil desconsideram a realidade brasileira e as adaptações à realidade socioeconômica do contexto local em que estão inseridos. No mesmo sentido, Boaventura *et al.* (2018) alertam para o fato de que os currículos dos cursos de Administração no Brasil parecem não acompanhar as transformações sociais ocorridas, promovendo uma formação acrítica e não criativa, como preconiza as abordagens tradicionais de currículos escolares.

Godoy, Moreira e Takei (2002) evidenciaram alguns aspectos delicados quanto à construção das disciplinas ligadas às teorias da administração nos cursos superiores de Administração, tais como a supressão de pontos importantes dos programas, a não padronização, desatualização de conteúdos programáticos, itens de conteúdo em excesso e confusão na confecção das ementas. De forma similar, Skora e Mendes (2001) já criticavam o fato de a disciplina “Teoria Geral da Administração” ter passado a ser denominada “Teorias de Administração” em muitos cursos de graduação, além de ser desatualizada em seu conteúdo, lecionada de forma linear, fragmentada, sem unicidade e sem relacionar teoria e prática. Os últimos autores ainda evidenciam que a mudança no nome da disciplina não mudou o seu caráter funcionalista, advindo do isomorfismo curricular

reforçado pelo Ministério da Educação por meio do currículo mínimo. Desse modo, tal disciplina deveria ser ministrada, segundo Skora e Mendes (2001), com base na formação profissional e suas necessidades e atualidades, trazendo-a para a realidade próxima dos estudantes e fazendo com que o conhecimento seja apropriado, contextualizado, integrado e global.

Cabe destacar que, apesar das diferentes nomenclaturas da disciplina nos currículos escolares, “Teorias de Administração (TA)”, “Teoria Geral da Administração (TGA)” e “Teoria Organizacional (TO)” não são sinônimos. Em suma, a Teoria Geral da Administração é um campo específico dentro das Teorias da Administração, que se concentra em desenvolver uma base teórica geral que pode ser aplicada a diferentes empresas, identificando princípios, conceitos e funções universais da administração que podem ser replicados. Já a Teoria Organizacional se concentra nos estudos das organizações, suas características culturais, econômicas, políticas e sociais e seus efeitos sobre os indivíduos e grupos que as compõem, considerando como organizações não somente empresas, mas também instituições ou entidades públicas, políticas ou sociais, e estendendo o conceito a outros tipos de vida social organizada (Thiollent, 2014). O foco principal da TO não está em performances de entidades, grupos ou indivíduos, nem na prescrição de uma gestão direcionada pela busca de lucratividade, efetividade ou pela razão custo/benefício, mas no significado de fatos e comportamentos que acontecem no contexto das organizações, sejam elas de ordem econômica ou não (França Filho, 2004). Desse modo, entendemos que a própria nomenclatura dessa disciplina nos currículos escolares pode estar relacionada a práticas amplamente distintas de atuação de docentes em sala de aula, bem como reforça a necessidade de apresentação de dados mais contextuais sobre a oferta desse conteúdo nas instituições de ensino superior. Porém, neste artigo, utilizamos a nomenclatura “Teoria da Administração” em diferentes partes do texto, inclusive no título desta seção, seguindo o nome da disciplina exposto na estrutura curricular do curso de Administração da UFMG.

A disciplina “Teoria Geral da Administração” é responsável por envolver o conhecimento e explicação das organizações e dos processos administrativos, preparando os futuros administradores para lidar, principalmente, com questões gerenciais nas organizações. É por meio dela que os alunos entram em contato com as distintas e complexas teorias da administração, sua “evolução”/aperfeiçoamento, seus principais expoentes, suas características e contribuições, pontos fortes e fracos e suas possibilidades de aplicação, sob diferentes enfoques. Trata-se de uma disciplina que, acima de tudo, orienta o comportamento do profissional de administração e também de profissionais de outras áreas (Emmendoerfer *et al.*, 2008).

As teorias que compõem o rol dessa disciplina costumam ser sumarizadas e categorizadas em escolas ou grandes grupos, os quais representam uma abordagem no contexto da construção do conhecimento em Administração e que se diferenciam umas das outras pelo foco de suas propostas, ponderando aspectos temporais, evolutivos e temáticos, como a administração científica, a teoria clássica, a escola de relações humanas, as teorias burocrática, estruturalista, sistêmica, neoclássica, comportamental e contingencial, além da perspectiva do desenvolvimento organizacional, culminando com os chamados temas emergentes, como a reengenharia, a qualidade total, o empreendedorismo e a gestão ambiental. Outros temas organizacionais, especialmente aqueles relacionados à teoria crítica, como autogestão, cogestão e Escola de Frankfurt, geralmente são apresentados apenas nos cursos de mestrado e doutorado da área (Forte, 2002).

Nesse contexto, autores como Fischer, Waiandt e Silva (2008) e Ribeiro e Sacramento (2009) aproximam as teorias curriculares e as teorias administrativas, apontando uma sensível convergência entre a perspectiva tradicional e a Teoria Clássica de Administração, entre a perspectiva curricular crítica e a Teoria Crítica na Administração, e entre a perspectiva multicultural dos currículos e as teorias pós-modernas em Administração. Além disso, os mesmos autores sugerem que há uma predominância da abordagem tradicional e conservadora na construção de

currículos na Administração, haja vista as disciplinas sequenciais, encadeadas, baseadas em manuais de gestão e de caráter genérico para a formação de administradores. De forma similar, Paula e Rodrigues (2006) e Kopelke (2017) destacam a falta de conteúdos curriculares críticos e reflexivos nos cursos de graduação em Administração no Brasil, sujeitando muitos estudantes a uma visão parcial desta área de conhecimento.

Skora e Mendes (2001) e Queiroz *et al.* (2018) também reforçam que o processo de ensino e aprendizagem das teorias administrativas nos cursos de graduação do Brasil é fortemente influenciado pela adoção exclusiva de livros-texto e de manuais gerenciais estadunidenses, em que se destacam autores como Maximiano, Chiavenato, Prestes Motta, James Stoner, entre outros. De acordo com Cummings e Bridgman (2016), os manuais de gestão muitas vezes começam retransmitindo a história da administração apresentando uma visão monocultural, simplista e linear, o que pode limitar a visão dos estudiosos da administração, sendo necessário que os educadores busquem uma compreensão mais ampla, contextualizada e engajada da história da administração para além dos manuais.

Além disso, França Filho (2004, p. 123) também ressalta que a construção das disciplinas e currículos dos cursos de graduação em Administração seguem um caminho orientado pela técnica e pela prática, com enfoque no exercício da gestão em organizações. Segundo o autor, há uma confusão entre a produção do conhecimento e o formato metodológico de gestão empresarial, “revelando o sentido pragmático das ideias disseminadas e a natureza prescritiva do conhecimento: ela dispõe sobre como deve funcionar uma empresa, e seu compromisso é com os resultados econômicos do empreendimento”.

Portanto, tendo em vista que as teorias administrativas almejam fornecer uma visão do desenvolvimento histórico da administração, Tragtenberg (1971, p. 21) afirma que elas “são dinâmicas, elas mudam com a transição das formações socioeconômicas [...] No sentido operativo, elas cumprem a função de elemento mediador entre a macrossociedade e a microorganização pelo agente, o

administrador. No sentido genético, constituem-se em repositório organizado de experiências, cuja herança cumulativa é uma condicionante das novas teorias [...]”. Entretanto, apesar desse dinamismo e de retratar o desenvolvimento histórico da Administração, há uma discussão em torno de que as teorias administrativas não se atualizaram e que elas continuam sendo ministradas praticamente da mesma forma e com os mesmos conteúdos do século passado, cuja novidade, muitas vezes, ainda é a teoria sistêmica (Skora & Mendes, 2001; Carrieri & Correia, 2021).

Os historiadores dos currículos e disciplinas alertam, portanto, sobre a atribuição de conteúdos mecânicos, repetitivos e memorísticos para uma dada disciplina educacional em um longo período histórico (Rocha, 2003; Bazanini & Santanta, 2015), reafirmando que o objeto de estudo da área não se volta somente para a descrição da organização do conhecimento no passado e seus pontos de continuidade e evolução, mas também a busca por descrever o constante fluxo e transformação que levam a valorização e legitimação de determinados conhecimentos em relação à outros, por meio, por exemplo, da captura de suas dinâmicas, rupturas e descontinuidades (Bittercourt, 2003).

ABORDAGEM HISTÓRICA NA ADMINISTRAÇÃO

O movimento de estudo da perspectiva histórica no âmbito dos Estudos Organizacionais faz parte de uma busca por ampliar o conhecimento a partir de bases renovadas. Importantes aproximações foram realizadas em por Zald (1988; 1993; 1996), quando discute sobre a necessidade de historicizar os estudos da área e reconhecendo o risco de desenvolver teorias desconectadas com o contexto histórico. Apesar de colocar a importância dessa conexão, o autor concorda nos três trabalhos com a dificuldade em elucidar o modo que seria realizado, apontando para alternativas que incluem examinar historicamente os tipos de organizações, o desenvolvimento das teorias sobre as características das organizações e as histórias das empresas.

Clark e Rowlinson (2004) apontaram para o crescente número de trabalhos que adotam a perspectiva histórica na Administração, sendo trabalhos que reclamavam o maior uso da abordagem na administração descritos como uma “*historic turn*” (virada histórica). Vizeu (2010) ressalta que esse movimento está vinculado as renovações metodológicas e epistemológicas que ocorreram nas ciências sociais na metade do Século XX, tendo desenvolvido reflexões que envolvem as práticas, os discursos e a subjetividade, conforme complementado por Booth e Rowlinson (2015). É nesse contexto que Üsdiken e Kipping (2022) posicionam os Estudos Organizacionais como vinculados a uma abordagem histórica renovada, que reconhece possibilidades plurais na compreensão da história.

Maclean, Harvey e Clegg (2016), Maclean *et al.* (2020) e Maclean *et al.* (2022) afirmam que apesar da existência de pesquisas históricas na área há alguns anos, seu potencial ainda está incompleto. Os autores colocam que as exigências no desenvolvimento de teorias se tratando dos Estudos Organizacionais e, ao mesmo tempo, a exigência da veracidade histórica exigida na pesquisa com a História se apresentam como grandes desafios aos pesquisadores. Os autores contribuíram para o debate e desenvolveram o que nomearam de “estudos organizacionais históricos”, que considera as duas disciplinas na elaboração de narrativas teóricas com orientações históricas e que levam em consideração dados, métodos e conhecimentos históricos na elaboração da pesquisa organizacional.

O desafio para os Estudos Organizacionais históricos, para Maclean, Harvey e Clegg (2016), Mills *et al.* (2016), Clegg *et al.* (2020), Mills e Novicevic (2020), Durepos, Shaffner & Taylor (2021) e Üsdiken e Kipping (2022), está na capacidade de integrar história e a teoria, e é desse modo, que propõem uma investigação que caminha no sentido de estender a correspondência entre as duas áreas e fomentar as possibilidades dos estudos criativos entre ambos. Os autores realizam essa proposta realizando, em um primeiro momento, tipologias de como a história é utilizada nos Estudos Organizacionais, a saber: 1) história como avaliação, com objetivo de testar e aperfeiçoar teorias já existentes; 2) história como explicação,

em que basicamente seria aplicada para compreender a atividade de processos sociais transformadores; 3) história como conceituação; com objetivo de desenvolver novos conceitos; 4) história como narração, em que seria utilizada a história para explicar forma e origens de fenômenos significativos.

Nessa busca por discutirmos as contribuições locais da História para os Estudos Organizacionais, autores como Santos *et al.* (2016), Carrieri e Correia (2020), Wanderley e Bauer (2020), Lima, Palhares e Carrieri (2020), Coraiola *et al.* (2021), Costa e Wanderley (2021), Hodge e Costa (2021), Lima *et al.* (2021) Wanderley, Alcadipani e Barros (2021), Silva e Carrieri (2022), Martins e Correia (2023) e Martins, Corrêa e Carrieri (2023) destacam que é preciso considerarmos a pesquisa histórica na área atrelada aos princípios de uma historiografia renovada, buscando explorarmos fontes historiográficas alternativas, adequadas às referências epistemológicas subjetivistas, indo além do acervo documental e das histórias oficiais. O processo de reflexão das organizações e, em conjunto as histórias locais, podem ser auxiliados sob a perspectiva dos autores citados, quando colocam que no modelo gerencialista que a Administração está imersa, o ambiente organizacional é sempre insuscetível a mudanças. Sendo estruturada de forma rígida, seguindo bases racionais positivas que visam os melhores resultados possíveis, a determinação de padrões, procedimentos e hierarquias, a instituição de modelos de gestão não considera a diversidade de organizações e práticas. É nesse ponto que os autores afirmam que o conhecimento administrativo busca implantar uma temporalidade que considera tudo transitório, cabendo a nós pesquisadores considerarmos as existências de outras lógicas temporais, outras formas de compreendermos a realidade, de analisarmos as práticas e os saberes.

A possibilidade de desenvolver debates sobre história com estudos que reforçam o caráter local é estimulada por Wanderley e Barros (2019), Barros e Wanderley (2020) e Jammulamadaka e Faria (2023), mobilizando a gestão e o conhecimento organizacional para questões mais plurais. A intenção dos autores é que os estudos internacionais possam reconhecer o conhecimento produzido no Brasil, diversificando o conhecimento histórico e fomentando investigações que possam

criar possibilidades alternativas. Os autores apresentam suas inquietações e colocam em discussão se a virada histórica alcançou os objetivos propostos, tendo em vista que não foram abertas outras possibilidades para o debate fora de um lugar central e hegemônico. Desta forma, os conhecimentos das margens continuam renegados ao esquecimento, fazendo com que a proposta dos autores caminhe para uma *geografic turn*, no sentido de incluir outros espaços de discussão e alterar as possibilidades de conhecimentos dominantes.

PERCURSOS METODOLÓGICOS

Para atingir o objetivo de analisar a trajetória histórica da disciplina “Teoria da Administração I” no currículo do curso de graduação em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais entre os anos de 2004 e 2022, destacando a atuação do professor Alexandre de Pádua Carrieri para a sua formatação, realizamos uma pesquisa qualitativa, histórica e documental, considerando os seguintes aspectos: professores que lecionaram, programas e objetivos, conteúdo programático e bibliografia. Segundo Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), apesar de pouco explorada, a pesquisa documental deve ser apreciada e valorizada por permitir, por meio da riqueza de informações, ampliar a compreensão sobre fenômenos cujo entendimento precisa de contextualização histórica e sociocultural, além de permitir a inclusão da dimensão do tempo à compreensão social. Kripka, Scheller e Bonotto (2015) completam que o desafio para nós, pesquisadores, incorre na seleção, tratamento e interpretação das informações, com vistas a compreender a interação com a fonte. Além disso, nos suportamos em Alvesson e Skölberg (2017), que reforçam a possibilidade de o processo metodológico abranger métodos, técnicas e procedimentos a partir de determinado caminho de pensamento dos pesquisadores, reforçando a possibilidade da execução de modo reflexivo e criativo.

Os documentos que são utilizados dependem do objetivo da pesquisa, segundo discussão de Carneiro e Barros (2017) e Barros, Carneiro e Wanderley (2019). Nesse caso, tendo em vista a análise do histórico de uma disciplina,

caracterizamos essa pesquisa documental como sendo de fontes primárias, uma vez que os documentos aqui utilizados foram os programas originais da disciplina disponibilizadas no site da instituição, que informam o ano, semestre, turno e professor que lecionou a disciplina, além da carga horária, classificação, objetivos, programa e a bibliografia. Haja vista o foco da pesquisa e em atenção a questões éticas, ao longo do trabalho, apresentamos nomes fictícios para os demais professores que ofertaram TA I.

Para análise dos documentos, optamos pela técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2004), haja vista que ela permite descrever sistematicamente o conteúdo simbólico das mensagens e inferências sobre os dados, possibilitando interpretar as relações entre teoria e realidade observada, como neste trabalho. Com essa ferramenta metodológica, procuramos descrever, sistematizar e articular teoricamente o conteúdo da disciplina analisada seguindo quatro etapas, de acordo com a proposta de Colbari (2014): a) delimitação do objetivo da pesquisa e suas referências conceituais; b) construção de um *corpus*, escolhendo e selecionando documentos; c) exploração do material por meio da leitura, decompondo as unidades de análise e categorizando o material e; d) tratamento dos resultados obtidos por meio de quadros, inferências e interpretações.

A TA I é obrigatória para os estudantes do primeiro período do curso de graduação em Administração da UFMG e possui carga horária de 60 horas. Para que pudéssemos realizar a pesquisa, solicitamos as informações necessárias junto ao colegiado do curso. Realizamos e protocolamos um requerimento de acesso aos documentos com vistas a analisar os programas da disciplina desde a incorporação dos cursos de “Sociologia e Política” e o de “Administração Pública” pelo curso de “Administração”, no ano de 1968. No entanto, fomos informados que os documentos não se encontram ordenados, exigindo um esforço maior dos órgãos da universidade para liberação do acesso. Devido a isso, optamos por trabalhar com os documentos disponíveis no site da instituição dos turnos diurno e noturno. Nesse caso, das 33 vezes que a disciplina foi ofertada, encontramos 29 ementas localizadas entre os anos de 2004 e 2022. Dessa forma, realizamos

download de todos esses documentos. Vale ressaltar que durante os anos de 2004 a 2007, localizamos apenas os programas que se referem à disciplina ofertada no período diurno. Com exceção do ano de 2011, que não se encontra disponível, tivemos acesso integral aos documentos de todos os semestres entre os anos de 2008 e 2022.

Realizado o contato inicial com os documentos, tabulamos os dados divididos em semestre, ano e turno, elencando, quando havia, os pré-requisitos para a matrícula na disciplina, os professores que a lecionaram, a descrição da ementa e do programa, analisando suas dinâmicas, continuidades e rupturas. Nesse sentido, a categoria analítica apresentada na discussão dos resultados a seguir, emergiu da dinâmica do próprio campo. Ao nos depararmos com as dinâmicas com descontinuidades e prosseguimentos, optamos por aprofundar neste quesito para estudarmos a atuação do professor Carrieri na disciplina.

ENTRE CONTINUIDADES E RUPTURAS, O MANUSEIO DE “TA I”

Em todos os programas de TA I analisados, repete-se esta ementa:

Os primórdios da administração: revolução industrial, acumulação extensiva de capital e controle disciplinar do trabalho. Acumulação extensiva e a emergência do OCT: a idade de ouro do Fordismo. As soluções gerenciais para a administração do Fordismo: relações humanas.

Através desse trecho, podemos afirmar que a disciplina de TA I na UFMG visa retratar o desenvolvimento histórico da administração, assim como pontuado por Skora e Mendes (2001) enquanto objetivo dessa disciplina em outros cursos de Administração no Brasil. Porém, devido à repetição da ementa na UFMG, verificamos que o objetivo da disciplina de estabelecer uma introdução histórica às principais teorias e conceitos do pensamento administrativo não são mutáveis ao decorrer dos anos. Além disso, observamos a manutenção de autores clássicos, como Taylor, Fayol, Ford, Mayo, McGregor, Simon e Weber, da mesma forma como

ocorre nessa disciplina em âmbito nacional, conforme exposto por Forte (2002). Na mesma linha, a estrutura geral da disciplina e a intenção de realizar um breve histórico para introdução do saber administrativo se mantém, acarretando em mudanças pontuais. O programa inicial disciplina em 2004 era o seguinte:

Unidade 1: A organização e a gestão a partir da revolução industrial; **Unidade 2:** A organização do trabalho: o taylorismo; **Unidade 3:** A organização do trabalho: o fordismo; **Unidade 4:** A organização da gerência: a teoria administrativa clássica (Fayol); **Unidade 5:** A escola das relações humanas e a escola comportamental; **Unidade 6:** A burocracia e as organizações.

A partir desta base, foram realizadas alterações pontuais ao longo dos anos no sentido de complementar e reordenar o conteúdo. A primeira delas ocorreu no ano de 2005, quando o professor Sávio assume a disciplina e, apesar de não alterar o conteúdo programático, realiza uma série de exclusões bibliográficas, mas mantém os autores clássicos. Textos que apresentavam olhares críticos sobre as teorias, como por exemplo do historiador David Landes “O prometeu desacorrentado”, de Mantoux sobre a Revolução Industrial do século XVIII, de Benedicto Silva sobre Taylor e Fayol, de Moraes Neto “Marx, Taylor e Ford” e de Lipietz sobre o fordismo periférico, foram retirados. Além deles, o novo professor retira autores clássicos do pensamento crítico de administração como Maurício Tragtenberg e Alberto Guerreiro Ramos. Tendo em vista que a inclusão e exclusão de bibliografias se altera principalmente com a mudança dos professores que lecionam a disciplina, afirmamos que o processo de seleção do conteúdo da disciplina de TAI da UFMG evidencia a autonomia dos professores em sua divisão, organização, desenvolvimento e avaliação (Waiandt & Fischer, 2013), bem como corrobora o dito anteriormente por Rocha (2003) sobre a (re)construção dos currículos sofrer influência de critérios pessoais, além de questões legais e institucionais.

A indicação que as últimas alterações foram realizadas por critérios pessoais fica mais evidente no ano seguinte, quando Carrieri retorna e realiza algumas

modificações, dentre elas, a reinclusão dos autores retirados pelo professor anterior. A unidade de Burocracia, até então realizada como fechamento da disciplina, é reordenada para a primeira unidade, sendo adicionada uma unidade seguinte nomeada de “A Burocracia e as Organizações II”, visando dividir as discussões sobre os estudos de Max Weber em duas unidades. No mesmo ano, o professor ainda introduz uma nova e última unidade nomeada de “Perspectivas da Administração do Brasil”. Carrieri introduz autores como Guerreiro Ramos e artigos de revistas conceituadas na área, como da Revista de Administração Pública (RAP) e da Revista de Administração de Empresas (RAE), com vistas a discutir, com um olhar crítico, as novas perspectivas das Teorias da Administração. Esse olhar mais crítico para a disciplina é corroborado pela também exclusão de Antonio Maximiano, autor do manual “Teoria Geral da Administração”, da bibliografia básica do curso.

Destacamos que o processo de ensino e aprendizagem das teorias administrativas no curso de graduação em Administração da UFMG não é influenciado pela adoção predominante de livros-texto e de manuais gerenciais estadunidenses, o que normalmente acontece no Brasil em outras faculdades, como afirmado por Skora e Mendes (2001) e Queiroz *et al.* (2018). Ao contrário, poucas obras consideradas manuais aparecem na bibliografia da disciplina em todos os anos de análise. Além disso, ressaltamos que outros temas organizacionais, inclusive aqueles relacionados a perspectiva crítica, já são apresentados na graduação em Administração da UFMG, fugindo do usual, uma vez que, no Brasil, são escassos conteúdos curriculares críticos e reflexivos nos cursos de graduação em Administração (Forte, 2002; Paula & Rodrigues, 2006; Kopelke, 2017).

No ano de 2007, a disciplina sofreu novamente alterações importantes no conteúdo programático e que foram mantidas até o ano de 2015. Com a manutenção de Carrieri em relação ao ano de 2006, a disciplina foi novamente repensada com a retirada das até então unidades 2 “A Burocracia e as Organizações II” e 8 “Perspectivas da Administração do Brasil”. O professor incluiu a unidade “O Enfoque Estrutural-Funcionalista”, com base em cinco capítulos do

livro de Amitai Etzioni “Organizações Complexas”. Após isso, a disciplina foi assumida por um semestre pelo professor Armando, orientando de Carrieri, que não realizou nenhuma mudança. Nos três anos seguintes, do segundo semestre de 2008 ao segundo semestre de 2011, a disciplina voltou a ser ministrada pelo professor Carrieri, sendo realizadas mudanças pontuais de autores complementares. Destacamos a inclusão de novos olhares sobre o processo fabril, com os livros de Barbosa “Empresariado fabril e desenvolvimento econômico” e de Giroletti “Convento e Disciplina”.

A disciplina sofreu novamente alterações no ano de 2012, em que a professora Joana assumiu as aulas por três semestres. O conteúdo programático da disciplina é mantido. No entanto, a professora realiza alterações no que tange aos autores da bibliografia nos semestres de 2012, mantendo-as para a realização da disciplina em 2013. O manual de Maximiano é novamente adicionado à disciplina, acompanhado dos textos de Marglin “Origem e funções do parcelamento das tarefas: para que servem os padrões?” e de Ramos “Motivação no trabalho: abordagens teóricas”.

O que mais chama a atenção na troca dos professores são as exclusões realizadas. Textos importantes de autores clássicos e que foram utilizados em todos os anos anteriores foram excluídos, como os de autoria de Bendix, Foucault, Mayo, McGregor, Merton, Parsons, Perrow, Ramos, Simon e Tragtenberg. As mudanças realizadas na bibliografia pela professora Joana indicam a flexibilidade e a liberdade de atuação que possuem os professores que assumem a disciplina na instituição. Dessa maneira, corroboramos com Bittencourt (2003) e Goodson (2003) de que as disciplinas são apresentadas a partir do conhecimento que é considerado pertinente por um grupo social em um período de tempo específico. Além disso, tendo em vista os textos retirados e adicionados por Carrieri e por outros professores, podemos observar a influência de determinadas abordagens sobre currículos escolares (Silva, 2016) na construção e organização dessa disciplina na UFMG, em que vemos a predominância de abordagens tradicionais por parte de outros professores, que buscam priorizar um conhecimento visto

como neutro, universal e voltado à prescrição de soluções tecnicistas e eficientes para as empresas, O que acontece em detrimento de uma perspectiva crítica na disciplina ministrada por Carrieri. O qual retira os manuais gerencialistas e busca enfocar em textos que retratam temas como ideologia, poder, classe, a realidade brasileira e as adaptações à realidade socioeconômica do contexto local em que estão inseridos.

Nos programas analisados, apenas as dos dois últimos semestres lecionados pela professora Joana aparecem a “Informação Adicional” a seguir:

A presença regular é vital para o aprendizado e desempenho neste curso. A preparação prévia para cada aula é necessária e essencial para as discussões em sala. Atrasos na entrega das resenhas e trabalhos serão penalizados. Espera-se que os alunos se comportem com cortesia e profissionalismo em todos os momentos. Críticas e debates de ideias em sala de aula são desejáveis para o bom andamento do curso desde que realizadas com respeito. Não é permitido fotografar, filmar ou utilizar celular em sala.

No tópico de “Informação Adicional”, são apontados comportamentos esperados dos estudantes ao longo do processo da disciplina. A professora orienta a presença em sala de aula dos alunos, a leitura dos textos indicados como “preparação prévia”, o comportamento cordial e profissional, além do olhar crítico nas discussões em sala. A professora ainda documenta a penalização no atraso na entrega das avaliações. Deste modo, além do caráter pessoal, a professora complementa o programa, diferente dos outros professores, com aspectos comportamentais esperados, como a presença regular na disciplina, ao comportamento em sala de aulas e o cumprimento de prazos.

No segundo semestre do ano de 2013, a disciplina é novamente ministrada pelo professor Carrieri, que a leciona até o segundo semestre de 2017. Assim que o professor regressa, ele realiza a inclusão de todos os autores excluídos pela professora anterior, bem como a exclusão de todos os autores por ela incluídos.

Com isso, o professor em sua retomada se recusa a trabalhar com livros que se apresentam como manuais, dando preferência a autores clássicos e críticos ao desenvolvimento da gestão. Tal fato demonstra as possíveis divergências quanto a execução da disciplina entre os dois professores, bem como as visões distintas quanto a introdução ao curso de Administração, evidenciando que a construção da ementa da disciplina não se trata de algo neutro e desinteressado, mas está intimamente relacionada com estruturas econômicas e sociais mais amplas que influenciam quais conhecimentos são selecionados e legitimados ou não (Silva, 2016).

Do primeiro semestre de 2015 ao segundo semestre de 2017, TA I continua sendo ministrada por Carrieri, que faz poucas alterações pontuais de inclusão/exclusão de textos no programa, buscando manter ao mesmo tempo a base clássica e o caráter crítico da disciplina. Já no início do ano de 2018 ocorre uma nova alteração de professor na disciplina. O professor Luiz Alex Silva Saraiva repensa a disciplina em conjunto com Carrieri, sendo lecionada no primeiro semestre pelo primeiro e no segundo semestre pelo segundo. Dentre as principais alterações, estão as exclusões do “Toyotismo” e dos textos que tratavam do tema da última unidade, que volta a se chamar “A crise do Fordismo” e a inclusão de textos como o de Bernstein “Capitalismo Senil: a grande crise da economia global”; Held e McGrew “Prós e contras da globalização” e Hirst e Thompson “Globalização em questão”.

Do ano de 2019 a 2022, a disciplina segue sendo ministrada por Carrieri e permanece apresentando sua principal característica: a atualização dos textos que dizem sobre o tempo atual. Em 2019 são inseridos os seminários no programa da disciplina como uma atividade didática que promove o discente a um papel ativo no processo de ensino-aprendizagem e possibilita a inserção de novas referências. Em 2019, as referências programadas para os seminários foram “Vigiar e Punir” de Foucault, clássico que permaneceu como uma referência dos seminários até 2022, e “A Construção Social da Realidade”, de Berger e Luckmann. Em 2020, as novas obras previstas para os seminários são “As Veias Abertas da América Latina” de Eduardo Galeano e “Fábrica Convento e Disciplina”, de Giroletti,

mantidas em 2021. Em 2022 ocorreu uma alteração expressiva, além de “Vigiar e Punir”, as novas referências programas para os seminários foram "Indústria, Trabalho e Cotidiano" de Decca, "História da Indústria e do Trabalho no Brasil" de Foot e Leonardí, "Fábrica, Convento e Disciplina" de Giroletti e "Expansão Cafeeira e as Origens da Indústria no Brasil" de Sergio Silva.

A partir de 2021, Carrieri realizou alterações importantes no programa da disciplina com a incorporação de obras cinematográficas como referências, mantendo a coerência de estimular o trabalho criativo e plural dos alunos. De acordo com Mendonça e Guimarães (2008), os filmes são uma fonte de material pedagógico e uma metodologia de ensino para a exemplificação de conceitos e oferecimento de demonstrações práticas das teorias relacionadas à administração. Além disso, eles fomentam debates sobre abordagens, procedimentos e técnicas de pesquisa de maneira mais envolvente e inspiradora do que os métodos tradicionais de ensino. As referências incorporadas ao ensino das Teorias da Administração são: “O Processo” (1993) dirigido por David Hugh Jones; “Saneamento Básico, O Filme” (2007), Jorge Furtado; “Metropolis” (1927), Fritz Lang; “Carne Osso” (2011), Caio Cavechini e Carlos Juliano Barros; “A Nós a Liberdade” (1931), René Clair; “O Encouraçado Potemkin” (1925), Sergei Eisenstein, “A Classe Operária vai ao Paraíso” (1971), Elio Petri ;“Laranja Mecânica” (1971), Stanley Kubrick 1971; “As Irmãs de Madalena ou Em nome de Deus” (2002), Peter Mullan; Bicho de Sete Cabeças (2000), Laís Bodanzky; e Admirável Mundo Novo (1998), Leslie Libman e Larry Williams. E em 2022, foi acrescentado o filme “O Nome da Rosa” (1986), dirigido por Jean-Jacques Annaud.

Além disso, desde 2021, Carrieri tem desenvolvido alterações no conteúdo da disciplina com a exclusão de referências previstas por muitos anos no programa e a inserção de outras referências, como o artigo “Burocracia como Organização, Poder e Controle” de Faria e Meneghetti apenas naquele ano. Em 2022, novas referências foram incorporadas ao conteúdo programático da disciplina, estabelecendo uma relação entre os clássicos e produções que discutem os aspectos atuais do ensino administrativo. Esse movimento é marcado pela

inserção de artigos de Cunha sobre a história do pensamento administrativo/da ciência administrativa e economia política das organizações, como “Que Fazer da Burocracia de Estado? Do indiferentismo às reciprocidades”, “Gênese do Taylorismo como Ideologia: acumulação, crise e luta de classes”, “Henri Fayol na Encruzilhada da Terceira Via: organização da grande corporação e conflito social na forja do ideário fayolista” e “Teoria das Relações Humanas’ como ideologia na particularidade brasileira (1929-1963)”, de Cunha e Guedes. Além do mais, há uma ampliação dos trechos previstos da obra “Crítica da divisão do trabalho” de Gorz e “Cultura de Classe” de Batalha, Silva e Fortes.

Podemos afirmar que, assim como em seu hobby de produção artística e artesanal em vidro, especialmente de luminárias, com suas técnicas e métodos de manipulação do vidro, Carrieri modela a disciplina de TA I na UFMG. De forma análoga à criação onde o vidro é selecionado em diferentes formas e espessuras e tingido, ele trouxe para a disciplina diferentes tipos de referências, desde autores clássicos até contemporâneos e críticos, apresentando-as em diferentes formatos, inclusive em obras cinematográficas. Assim como o vidro é cortado, organizado e fixado na montagem de uma luminária, a disciplina de TA I foi submetida a um processo de reformulação e reorganização até assumir um formato coerente com seu objetivo. Com habilidade, paciência e criatividade, Carrieri se contrapõe à tendência apresentada por alguns investigadores de formação dos administradores baseados em manuais. Assim como seus objetos artísticos possuem design não convencional, ele adota um caráter crítico na abordagem da disciplina. As leituras indicadas por Carrieri fogem das perspectivas generalistas que buscam apresentar receitas de gestão. As leituras dos textos de autores clássicos são complementadas por outros textos que oferecem visões, muitas vezes críticas, das teorias. Recursos como obras cinematográficas são utilizados para aprimorar o processo de ensino-aprendizagem.

No entanto, é importante salientar que diferente do feitiço artesanal com vidro, o processo de formatação da disciplina de TA I perpassa pela natureza coletiva de Carrieri. Está associada ao que seus orientandos(as) e ex-orientandos(as) – ou,

como ele afetivamente apelidou: “lobinhos apavorados, de queixos trêmulos e rabinhos chamuscados” do “porco mau” (Trivizas & Oxenbury, 1996, p. 25), em tom irônico aludindo à desconstrução de papéis – podem transmitir por meio de suas experiências e suas singularidades. Carrieri realiza um trabalho que alia textos clássicos e contemporâneos de modo dialético e plural, contando com a influência dos integrantes do NEOS, amarra uma trama de muitos pedaços de saberes, subverte. O que constitui um grupo plural, cuja atuação reflete em suas disciplinas, mas “sem perder o senso de nossa realidade social e de seu dever de fazer a crítica ao complexo sociometabólico do capital” (Carrieri, 2023).

Vale destacar, assim, o dinamismo, em partes, da disciplina por meio da não atribuição de conteúdos fixos e repetitivos em um longo período histórico (Rocha, 2003), evidenciado pela inclusão/exclusão de vários textos com a mudança de professores que ministram TA I, e pelo empenho de Carrieri por incorporar novas referências à disciplina, o que demonstra o constante fluxo e transformação. Porém, esse dinamismo não ocorre na descrição da ementa e objetivos, que se repete de 2004 a 2022. O que pode ser resultado do normativo institucional que engessa o conteúdo programático do curso.

A disciplina se apresenta de uma forma continuada, dando ênfase aos autores clássicos, sem rupturas bruscas, mas, ao mesmo tempo, revelando um movimento de atualização das referências e dos métodos pedagógicos. Isso pode estar relacionado à encruzilhada entre: uma estrutura curricular rígida, de um curso classicamente funcionalista, o que pode travar a oxigenação de novos trabalhos e leituras nas discussões; e a condução da disciplina, por mais de 18 anos, por um professor epistemologicamente enérgico, que tem dedicado sua atuação ao esforço de abrir brechas na administração enquanto ciência universal (Carrieri, Perdigão & Aguiar, 2014, Carrieri *et al.*, 2018, Carrieri & Correia, 2020, Silva & Carrieri, 2022, Carrieri, 2023, Martins & Correia, 2023, Martins, Corrêa & Carrieri, 2023).

O ponto apresentado corrobora Ferreira e Moreira (2001) quando afirmam que o maior grau de maturidade de uma disciplina e dos profissionais atuantes gera impactos internos na elaboração da disciplina. Além disso, é importante ressaltar a existência de outras três disciplinas que se propõem a discutir as Teorias da Administração, sendo a “Teoria da Administração II”, “Teoria da Administração III” e “Estruturas e Formatos”, informalmente conhecida como “TA IV”, abarcando temas e referências que não constam na disciplina I. Ainda diferente do que foi apresentado no trabalho de Godoy, Moreira e Takei (2002), a edificação da disciplina TA I na UFMG busca elaborar um encadeamento lógico, com unidades subdivididas de acordo com os pontos mais importantes do pensamento administrativo e de forma padronizada, fundamentais para a compreensão das disciplinas a seguir.

A partir das análises dos programas, afirmamos que o “efeito Carrieri” na disciplina TA I busca desenvolver nos estudantes o pensamento teórico crítico em um caráter reflexivo em detrimento do instrumental e técnico. Nesse sentido, a disciplina segue as considerações de França Filho (2004) e Emmendoerfer *et al.* (2008) e oferece aos estudantes a compreensão e a explicação das organizações (e suas variações sociais) bem como dos processos administrativos. Mais que uma aplicação futura, a disciplina cumpre seu papel de refletir sobre a caracterização histórica da Administração, as funções da administração, o papel do administrador nesse contexto, suas características e contribuições, fugindo do estabelecimento de modelos prescritivos que poderão ser aplicados nas organizações (Skora & Mendes, 2001) e da instrumentalização da disciplina para o exercício da profissão de administrador (Silva & Fischer, 2008), mas também da formação de professores, como no caso do primeiro autor deste artigo que cursou a disciplina na instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise da trajetória histórica da disciplina TA I no currículo do curso de graduação em Administração da UFMG entre 2004 e 2022, com foco na

atuação do professor Alexandre de Pádua Carrieri para sua formatação, constatamos que a significativa presença do docente na condução da disciplina evidencia uma influência interna no direcionamento seu direcionamento. TA I é destacada pela perspectiva organizacional crítica de Carrieri, o que interfere na formulação da disciplina: abdicando aos principais manuais de gestão e direcionando o foco aos autores clássicos, complementados por visões críticas de outros acadêmicos e de obras culturais, como no caso dos filmes. Assim, a disciplina se caracteriza por seu caráter reflexivo e crítico, proporcionando aos estudantes uma formação crítica robusta, capacitando-os no questionamento coerente das bases da ciência da Administração. Esse enfoque estimula uma formação mais abrangente e engajada dos futuros administradores, enfatizando a importância de uma abordagem contextualizada e analítica na área. Além disso, essas escolhas contribuíram para estabelecer um encadeamento lógico da disciplina, abrindo espaço para debates nas disciplinas subsequentes, como TA II, TA III e Estruturas e Formatos.

Carrieri forja a disciplina TA I de forma criativa, experimental e experiente, semelhante ao seu hobby na produção de luminárias em vidro. A análise da trajetória de TA revela a importância de uma abordagem artesanal na construção do currículo das disciplinas componentes do processo formativo. Ao longo do tempo, são identificadas continuidades e rupturas que atestam a preservação do objetivo central da disciplina: conduzir os estudantes ao universo das teorias e conceitos do pensamento administrativo. Enquanto a estrutura geral da disciplina continua, há modificações artesanais, através da experimentação, principalmente no que se refere à bibliografia e à abordagem. A experimentação, portanto, deve ocupar um espaço balizar na construção artesanal para a (r)elaboração das disciplinas. Nesse contexto, a presença do professor Carrieri se destaca à medida que, com destreza, molda seu trabalho. Carrieri se empenha em oferecer uma visão reflexiva e criativa, afastando-se das abordagens puramente técnicas e prescritivas. O dinamismo evidente na atualização do conteúdo da disciplina, a inserção de obras cinematográficas e a flexibilidade na escolha de referências

demonstram a natureza minuciosa, coletiva e colaborativa do desenvolvimento curricular que orientam o processo de reformulação do conteúdo.

Com este artigo, buscamos contribuir para o avanço das discussões acerca da perspectiva histórica nos Estudos Organizacionais, uma necessidade há mais de três décadas enfatizada pelos teóricos organizacionais que reconhecem a importância do passado para compreender e (re)construir o presente e o futuro. Essa abordagem oferece uma visão abrangente das dinâmicas e contextos organizacionais. Por meio deste estudo histórico no campo organizacional, evidenciamos a relevância da história não como um repositório de dados fundamentais para as teorias, mas, acima de tudo, como promotora, no tempo presente, de narrativas teóricas que enriqueçam as teorizações ao refletirem sobre como a perspectiva histórica pode impulsionar o (re)pensar das teorias da Administração, a elaboração de currículos educacionais e a formação de futuros administradores.

Por meio deste artigo, buscamos refletir criticamente com os educadores da Administração sobre o que são considerados os fundamentos históricos dos estudos da disciplina e as formas pelas quais esses fundamentos são ensinados aos alunos. Ao abraçar essa abordagem, aspiramos uma formação mais sólida e enriquecedora do ensino de administração, impulsionando a compreensão da complexidade e contextualização essenciais para enfrentar os desafios contemporâneos. A ciência administrativa é para nós, portanto, pautada em uma lógica histórica que considera o passado, o presente e o futuro. Encontramos nos movimentos circulares, nunca fechados, para elaborarmos novas formas de olhar para os fenômenos organizacionais e intervir junto a eles. Aprendemos, desta forma, com Carrieri: o fazer organizacional e social não é unívoco, mas sim uma elaboração coletiva.

Destacamos que estarmos comprometidos com uma perspectiva que foge da homogeneidade significa também estarmos atentos à pluralidade do fazer social múltiplo. O conhecimento desenvolvido da perspectiva histórica na área precisa

estar ciente do tempo que está sendo realizado, da influência dos pesquisadores nessas propostas e das consequências que elas engendram. Como sugestões para futuras pesquisas, recomendamos a ampliação do escopo de análise, abrangendo não apenas a disciplina de TA I, mas também as disciplinas TA II, TA III e Estruturas e Formatos no currículo de graduação em Administração da UFMG, dada a sua obrigatoriedade. Além disso, propomos uma investigação da trajetória histórica de outras disciplinas relevantes para o curso, como as de Marketing, Contabilidade, Produção e Recursos Humanos, entre outras. Adicionalmente, encorajamos a expansão e a comparação das histórias das disciplinas em outras universidades brasileiras, o que permitirá reforçar o protagonismo pautado na coletividade que prega Carrieri no ensino das teorias de Administração, destacando importantes nomes na edificação dessas disciplinas. Ademais, sugerimos projetos que, do ponto de vista de ex-alunos de TA I, pesquisem a influência da disciplina na formação enquanto administradores. Finalmente, destacamos a importância de pesquisas que analisem o impacto de disciplinas orientadas à crítica, como TA I, na formação e atuação profissional. Ao abraçar uma abordagem mais abrangente e comparativa, será possível aprofundar no desvelamento de padrões de influência na ciência administrativa, além de como suas contribuições auxiliaram no pensamento crítico não apenas de alunos da UFMG, mas também do cenário educacional brasileiro. Tais investigações são cruciais para aprimorar a prática docente e enriquecer a formação de futuros administradores e professores, bem como para fortalecer a relevância da perspectiva histórica para os Estudos Organizacionais.

REFERÊNCIAS

Andrade, Everaldo P. & Almeida, Juniele R. (2018). Trajetórias docentes e história pública: a construção de um acervo com narrativas de professores. In Juniele R. Almeida & Sônia Meneses (Orgs.). *História pública em debate: patrimônio, educação e mediações do passado* (pp. 129-144). São Paulo: Letra e Voz.

Alvesson, Mats & Skölberg, Kaj (2017). *Reflexive methodology: new vistas for qualitative research*. London: Sage.

Aparecido, Cristina T. R., Aparecido, Gilberto R. & Zambon, Marcelo S. (2020). A expansão dos cursos de graduação em administração no Brasil mediante o censo anual do INEP (2009-2018) e as transformações do ensino superior frente às novas demandas geradas pela indústria. *Teoria & Prática: Revista de Humanidades, Ciências Sociais e Cultura*, 2(2), 1-13.

Bardin, Laurence. (2004). *Análise de conteúdo* (3a ed.). Lisboa: Edições 70.

Barros, Amon N., Carneiro, Adéle T. & Wanderley, Sérgio (2019). Organizational archives and historical narratives. *Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal*, 14(3), 280-294.

Barros, Amon N. & Carrieri, Alexandre P. (2015). O cotidiano e a história: construindo novos olhares na administração. *Revista de Administração de Empresas*, 55(2), 151-161.

Barros, Amon N., Cruz, Rafaela C. Xavier, Wescley S., Carrieri, Alexandre P. & Lima, Gustavo C. O. (2011). Apropriação dos saberes administrativos: um olhar alternativo sobre o desenvolvimento da área. *Revista de Administração Mackenzie*, 12(5), 43-67.

Barros, Amon N. & Wanderley, Sérgio (2020). Decolonialism and management (geo)history: is the past also a place? In: Kyle Bruce. *Handbook of research on management and organizational history* (pp. 192-211). Cheltenham: Edward Elgar.

Bazanini, Roberto & Santana, Nathalia C. (2015). Gestão e conhecimento nas ciências sociais aplicadas: uma experiência didática relacionada ao ensino-aprendizagem da disciplina filosofia da administração. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, 5(1), 64-84.

Bittencourt, Circe M. F. (2003). Disciplinas escolares: história e pesquisa. In Marcus A. T. Oliveira & Serlei M. F. Ranzi (Orgs.). *História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate* (pp. 9-39). Bragança Paulista: EDUSF.

Boaventura, Patrícia S. M., Souza, Lucas L. F., Gerhard, Felipe & Brito, Eliane P. Z. (2018). Desafios na Formação de Profissionais em Administração no Brasil. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 19(1), 1-31.

Booth, Charles & Rowlinson, Michael (2015). Management and organizational history: prospects. In: Patricia McLaren, Albert Mills, Terrance Weatherbee. *The routledge companion to management and organizational history* (pp. 49-69). New York: Routledge.

Bridgman, Todd, Cummings, Stephen & Ballard, John (2019): Who Built Maslow's Pyramid? A History of the Creation of Management Studies' Most Famous Symbol and Its Implications for Management Education. *Academy of Management Learning and Education*, 18(1), 81-98.

Bruce, Kyle (2006). Henry S. Dennison, Elton Mayo, and Human Relations historiography. *Management & Organizational History*, 1(2), 177-199.

Carneiro, Adéle T. (2016). Pode a área de Estudos Organizacionais ser historiográfica? *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 3(8), 987-1017.

Carneiro, Adéle T. (2015). *A Escola Superior de Administração e Negócios nos primeiros vinte anos (1941- 1961): uma análise sobre o currículo em administração*. Dissertação de mestrado, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, Brasil.

Carneiro, Adéle T. & Barros, Amon (2017). Uso de documentos para narrar a história de organizações: reflexões e experiências. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 11(30), 14-23.

Carrieri, Alexandre P. (2023). Produção social do cotidiano: histórias e memórias da gestão na vida organizada nas/das sociedades. In: Luiz A. S. Saraiva & Alexandre P. Carrieri. *Estudos Organizacionais e Sociedade* (pp. 17-32). Porto Alegre: Fi.

Carrieri, Alexandre P. & Correia, Gabriel F. A. (2020). Estudos Organizacionais no Brasil: construindo acesso ou replicando exclusão? *Revista de Administração de Empresas*, 60(1), 59-63.

Carrieri, Alexandre P., Perdigão, Denis A. & Aguiar, Ana R. C. (2014). A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. *Revista de Administração*, 49(4), 698-713.

Carrieri, Alexandre P., Perdigão, Denis A., Martins, Paula C. & Aguiar, Ana R. C. (2018). A Gestão Ordinária e suas práticas: o caso da Cafeteria Will Coffee. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 12, 1-13.

Clark, Peter & Rowlinson, Michael (2004). The treatment of history in organization studies: towards an 'historic turn'? *Business History*, 46(3), 331-352.

Clegg, Stewart., Suddaby, Roy, Harvey, Charles, & Maclean, Mairi (2020). At the intersection of theory and history: a research agenda for historical organization studies. In: Mairi Maclean, Stewart Clegg, Roy Suddaby & Charles Harvey. *Historical organization studies: theory and applications* (pp. 227-241). London: Taylor & Francis.

Colbari, Antonia (2014). A análise de conteúdo e a pesquisa empírica qualitativa. In E. M. Souza (Ed.). *Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual* (pp. 241-274). Vitória: EDUFES.

Coraiola, Diego, Barros, Amon, Maclean, Mairi & Foster, William (2021). History, memory, and the past in management and Organization Studies. *Revista de Administração de Empresas*, 61(1), 1-9.

Costa, Alessandra, Barros, Denise F. & Martins, Paulo M. M. (2010). Perspectiva histórica em administração: novos objetos, novos problemas, novas abordagens. *Revista de Administração de Empresas*, 50(3), 288-299.

Costa, Alessandra & Silva, Marcelo A. C. (2019). A Pesquisa Histórica em Administração: uma proposta para práticas de pesquisas. *Revista Administração: Ensino e Pesquisa*, 20(1), 1-20.

Costa, Alessandra & Silva, Marcelo A. C. (2017). Novas fontes, novas versões: contribuições do acervo da Comissão Nacional da Verdade. *Revista de Administração Contemporânea*, 21(2), 163-183.

Costa, Alessandra & Wanderley, Sérgio (2021). Passado, presente e futuro da história (crítica) das organizações no Brasil. *Revista de Administração de Empresas*, 61(1), 1-8.

Cummings, Stephen & Bridgman, Todd (2016). The Limits and possibilities of history: How a wider, deeper and more engaged understanding of business history can foster innovative thinking. *Academy of Management Learning and Education*, 15(2), 250-267.

Cummings, Stephen & Bridgman, Todd (2011): The Relevant Past: Why the History of Management Should Be Critical for Our Future. *Academy of Management Learning & Education*, 10(1), 77-93.

De Jong, Abe, Higgins, David M. & Van Driel, Hugo (2015). Towards a new business history? *Business History*, 57(1), 5-29.

Decker, Stephanie, Kipping, Matthias & Wadhwani, Daniel (2015). New business histories! Plurality in business history research methods. *Business History*, 57(1), 30-40.

Durepos, Gabrielle, Shaffner, Ellen & Taylor, Scott (2021). Developing critical organizational history: Context, practice and implications. *Organization*, 28(3), 449-467.

Emmendoerfer, Magnus L., Pereira, Alessandro C., Netto, Gabriel G., Silva, Marcilio G. & Paula, Ramon R. (2008). O ensino da teoria geral da administração para estudantes de áreas não administrativas, em universidade pública. *Revista Ciências Administrativas*, 14(1), 140-150.

Ferreira, Marcia S. & Moreira, Antônio F. B. (2001). A história da disciplina escolar Ciências nas dissertações e teses brasileiras no período 1981-1995. *Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências*, 3(2), 154-166.

Ferreira, Raissa A., Oliveira, Michele M., Oliveira, Leilane M., Ferreira, Michelle C. & Silva, Francielih D. (2016). Cultura, interculturalidade e globalização nas grades curriculares da administração: um olhar baseado nos cursos com nota máxima no enade 2012, no Estado de Minas Gerais. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 17(3), 475-507.

Fischer, Tânia (2010). A perduração de um mestre e uma agenda de pesquisa na educação de administração: artesanato de si, memória dos outros e legados de ensino. *Organizações & Sociedade*, 17(52), 209-219.

Fischer, Tânia (2003). Alice através do espelho ou Macunaíma em Campus Papagalli? Mapeando rotas de ensino dos estudos organizacionais no Brasil. *Organizações & Sociedade*, 10(28), 47-62.

Fischer, Tânia, Waiandt, Claudiani & Fonseca, Renata L. (2011). A história do ensino em administração: contribuições teórico-metodológicas e uma proposta de agenda de pesquisa. *Revista de Administração Pública*, 45(4), 911-939.

Fischer, Tânia, Waiandt, Claudiani & Silva, Manuela R. (2008). Estudos Organizacionais e Estudos Curriculares: uma agenda de convergência entre o passado e o futuro de campos paralelos. *Revista Organizações & Sociedade*, 15(47), 175-193.

Forte, Sérgio H. A. C. (2002). Qual a escola de teoria da administração na virada do milênio? A visão brasileira. *Revista Ciências Administrativas*, 8(2), 89-97.

França Filho, Genauto C. (2004). Para um olhar epistemológico da administração: problematizando o seu objeto. In R. S. Santos (Org.). *A Administração Pública como campo do conhecimento* (pp. 119-143). São Paulo: Mandacarú.

Godoy, Arilda S., Moreira, Daniel A. & Takei, Álvaro T. (2002). Análise dos planos de ensino das disciplinas ligadas às teorias da administração nos cursos superiores de administração de empresas no município de São Paulo. *Anais do Encontro da ANPAD*, São Paulo, SP, Brasil, XXVI.

Goodson, Ivor F. (2003). *Estudio del curriculum: casos Y métodos*. Buenos Aires: Amorrortu.

Gouvêa, Josiane B., López Cabana, Rocío P. & Ichikawa, Elisa Y. (2018). As histórias e o cotidiano das organizações: uma possibilidade de dar ouvidos àqueles que o discurso hegemônico cala. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(12), 297-347.

Hodge, Patrícia & Costa, Alessandra (2021). História oral e pesquisa organizacional: desafios da construção de conhecimento sobre o passado. *Organizações & Sociedade*, 28(99), 721-756.

Jacques, Roy S. (2006). History, historiography and organization studies: the challenge and the potential. *Management & Organizational History*, 1(1), 31-49.

Jammulamadaka, Nimruji & Faria, Alexandre. (2023). Decolonizing inclusion in performing academia: Trans-inclusion as phronetic border thinking/doing praxis. *Gender, Work & Organization*, 30(2), 431-456.

Joaquim, Nathália F. & Carrieri, Alexandre P. (2018). Construção e desenvolvimento de um projeto de história oral em estudos sobre gestão. *Organizações & Sociedade*, 25(85), 303-319.

Kopelke, André (2017). *Desafios da inserção da dimensão crítica e reflexiva no ensino de graduação em administração*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

Kripka, Rosana M. L., Scheller, Morgana & Bonotto, Danusa L. (2015). Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. *Anais do Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa*, Aracaju, SE, Brasil, IV.

Lima, Oscar P., Palhares, José V. & Carrieri, Alexandre P. (2020). Mercado Novo: an "out of place" building in Belo Horizonte. *Caderno de Geografia*, 30(62), 716-737.

Lima, Oscar P., Palhares, José V., Carrieri, Alexandre P. & Vasconcelos, Marllon E. S. M. (2021). As identidades da Galeria do Maletta no decorrer da sua história: um espaço de negócios, de luxo, de resistência política e de boemia. *Revista Gestão & Conexões*, 10(1), 121-143.

Macleán, Mairi, Harvey, Charles & Clegg, Stewart (2017). Organization theory in business and management history: Present status and future prospects. *Business History Review*, 91(3), 457-481.

Macleán, Mairi, Harvey, Charles & Clegg, Stewart (2016). Conceptualizing historical organization studies. *Academy of Management Review*, 41(4), 609-632.

Macleán, Mairi, Shaw, Gareth, Harvey, Charles & Booth, Alan (2020). Management learning in historical perspective: rediscovering Rowntree and the British interwar management movement. *Academy of Management Learning & Education*, 19(1), 1-20.

Macleán, Mairi, Shaw, Gareth, Harvey, Charles & Stringer, Gary (2022). Methodological openness in business history research: looking afresh at the British interwar management movement. *Business History Review*, 96(4), 805-832.

Martins, Paula, Corrêa, Marcos & Carrieri, Alexandre (2023). Por uma Administração Menor: o Caso do Bailinho da Tia Naná. *Organizações & Sociedade*, 30(105), 329-359.

Martins, Paula & Correia, Gabriel (2023). Histórias, memórias e saberes populares: reflexões e aproximações com a gestão ordinária. In: Luiz Alex S. Saraiva & Alexandre P. Carrieri. *Estudos Organizacionais e Sociedade – volume 1* (pp. 75-113). Porto Alegre: Fi.

Mattos, Pedro L. & Bezerra, Denilson M. (1999). Curso de graduação de administração: questões básicas para estruturação de currículo. *Revista Brasileira de Administração Pública e de Empresas*, 5(2), s.p.

Mendonça, José R. C. & Guimarães, Flávia P. (2008). Do quadro aos "quadros": o uso de filmes como recurso didático no ensino de administração. *Cadernos EBAPE. BR*, 6, 1-21.

Mills, Albert & Novicevic, Milorad (2020). *Management and Organizational History: a research overview*. London: Taylor & Francis.

Mills, Albert, Suddaby, Roy, Foster, William & Durepos, Gabrielle (2016). Re-visiting the historic turn 10 years later: current debates in management and organizational history – an introduction. *Management and Organization History*, 11(2), 67–76.

Morais, Raphael, Sousa, João, Vargas, Laura, Freitas, Rodrigo & Brito, Valéria (2020). Entendeu ou quer que desenhe? Utilizando mapas mentais na disciplina Teoria Geral da Administração. *Revista FSA*, 17(1), 3-50.

Nascimento, Marcos A. A. & Araújo, Maria A. D (2016). A normalidade do business no ensino da administração e a marginalização do público e do social. *Revista de Ciências da Administração*, 18(44), 137-153.

Oliveira, Aline L., Lourenço, Cléria D. S. & Castro, Cleber C. (2015). Ensino de administração nos EUA e no Brasil: uma análise histórica. *Revista Pretexto*, 16(1), 11-22.

Oliveira, Marcus A. (2017). Os estudos históricos sobre o currículo e as disciplinas escolares: das preocupações com as práticas escolares para o mundo da pesquisa acadêmica. *Pensar a Educação em Revista*, 3(1), 3-41.

Paula, Ana Paula P. & Rodrigues, Marco A. (2006). Pedagogia crítica no ensino da administração: desafios e possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, 46, 10-22.

Pena, Felipe, Martins, Talita, Oliveira, Laureane & Carrieri, Alexandre P. (2016). O polo da moda em Belo Horizonte: uma análise histórica do Barro Preto. *Revista de Administração FACES Journal*, 15(4), 9-26.

Pinto, Vera R. R. & Junior, Mario D. M. (2012). Uma abordagem histórica sobre o ensino da Administração no Brasil. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 6(4), 1-28.

Queiroz, André F., Condi, Paulo R., Benini, Élcio G. & Finocchio, Caroline P. S. (2018). Abordagem estruturalista: uma análise de manuais de Administração. *Caderno de Administração*, 26(2), 168-185.

Reinecke, Juliane, Suddaby, Roy, Langley, Ann & Tsoukas, Haridimos (2020). *Time, temporality, and history in process organization studies*. New York: Oxford University Press.

Ribeiro, Denise A. & Sacramento, Ana R. S. (2009). Ensino e currículo em administração: a opção brasileira. *Gestão & Planejamento*, 10(2), 193-205.

Rocha, Genylton O. R. (2003). A pesquisa sobre currículo no Brasil e história das disciplinas escolares. In Luiz A. Gonçalves (Org.). *Currículo e políticas públicas* (pp. 41-61). Belo Horizonte: Autêntica.

Rodrigues, Eduardo R. & Matias, Alberto B. (2016). Ensino em administração: proposta do conteúdo programático da área de finanças. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 17(2), 245-274.

Sacristán, José G. (2017). *O currículo: uma reflexão sobre a prática* (3a ed.). Porto Alegre: Penso.

Santos, José V. P., Carrieri, Alexandre P., Pereira, Verônica F. & Martins, Talita S. (2016). Pesquisa Histórica em Administração: A (re)construção identitária da Galeria do Ouvidor em Belo Horizonte (MG). *Revista de Ciências da Administração*, 18(46), 9-22.

Santos, Viviane & Ichikawa, Elisa (2018). Representações sociais, história e memória: possíveis contribuições para os estudos organizacionais. *Revista Eletrônica Gestão & Sociedade*, 12(31), 2213-2231.

Sá-Silva, Jackson R., Almeida, Cristóvão D. & Guindani, Joel F. (2009). Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, 1(1), 1-15.

Silva, Fernanda & Carrieri, Alexandre (2022). Reframing “organizations and society” from the Escrivências: for a form of management from and in the gaps. *Organizações & Sociedade*, 29(101), 385–413.

Silva, Manuela R. & Fischer, Tânia M. (2008). Ensino de administração: um estudo da trajetória curricular de cursos de graduação. *Anais do Encontro da ANPAD*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, XXXII.

Silva, Tomaz T. (2016). *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo* (4a ed.). Belo Horizonte: Autêntica.

Skora, Claudio M. & Mendes, Dayse (2001). As coisas novas: por que a TGA parou no tempo? *Anais do Encontro da ANPAD*, Campinas, SP, Brasil, XXV.

Thiollent, Michel (2014). Estudos organizacionais: possível quadro referencial e interfaces. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*, 1(1), 17-29.

Tragtenberg, Mauricio (1971). A teoria da administração é uma ideologia? *Revista de Administração de Empresas*, 11(4), 7-21.

Trivizas, Eeugene & Oxenbury, Helen (1996). *Os três lobinhos e o porco mau*. São Paulo: Brinque-Book.

Üsdiken, Behlül & Kipping, Matthias (2022). *History in Management and Organization Studies: from margin to mainstream*. London and New York: Taylor & Francis Group.

Vasconcelos, Madiã F., Costa, Francisco J. & Carvalho, Diana T. (2016). Educação em Marketing: Visões e Práticas de Domesticação no Contexto Nordeste. *Reunir: Revista de Administração, Contabilidade e Sustentabilidade*, 6(1), 107-117.

Vizeu, Fábio (2010). Potencialidades da análise histórica nos estudos organizacionais brasileiros. *Revista de Administração de Empresas*, 50(1), 37-47.

Waiandt, Claudiani & Fischer, Tânia (2013). O ensino dos estudos organizacionais nas instituições brasileiras: um estudo exploratório nos cursos de pós-graduação stricto sensu de Administração. *Administração: ensino e pesquisa*, 14(4), 785-836.

Wanderley, Sérgio, Alcadipani, Rafael & Barros, Amon (2021). Re-Centering the Global South in the Making of Business School Histories: Dependency Ambiguity in Action. *Academy of Management Learning & Education*, 20(3), 361-381.

Wanderley, Sérgio & Barros, Amon (2019). Decoloniality, geopolitics of knowledge and historic turn: towards a Latin American agenda. *Management & Organizational History*, 13, 79-97.

Wanderley, Sérgio, Barros, Amon, Costa, Alessandra & Carrieri, Alexandre (2016). Caminhos e percursos da História em Administração: um chamado à reflexão sobre o tempo e a construção do presente. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 3(8), 801-820.

Wanderley, Sérgio & Bauer, Ana Paula (2020). “Tupi, or not Tupi that is the Question”: Perspectivismo ameríndio e Estudos Organizacionais. *Revista de Administração*, 60(2), 144-155.

Zald, Mayer (1996). More fragmentation? Unfinished business in linking the social sciences and the humanities. *Administrative Science Quarterly*, 41(2), 251-261.

Zald, Mayer (1993). Organization studies as a scientific and humanistic enterprise: toward a reconceptualization of the foundations of the field. *Organization Science*, 4(4), 513-528.

Zald, Mayer (1988). 'History, Sociology, and Theories of Organization'. In: John Jackson. *Institutions in American Society: essays in market, political and social organizations* (pp. 1-37). Ann Arbor: University of Michigan.

FORJANDO ARTESANALMENTE UMA ABORDAGEM REFLEXIVA PARA AS TEORIAS DA ADMINISTRAÇÃO

Resumo

Este artigo analisa a trajetória da disciplina "Teoria da Administração I" no currículo do curso de Administração da Universidade Federal de Minas Gerais de 2004 a 2022, enfocando a atuação do professor Alexandre de Pádua Carrieri para sua formatação. O referencial teórico aborda a história da Administração e dos currículos, especialmente da "Teoria Geral da Administração". Pela realização de uma pesquisa qualitativa, histórica e documental, analisamos os programas da disciplina disponíveis no site da instituição. As principais continuidades e rupturas do programa são refletidas, evidenciando as influências pessoais e institucionais em sua formulação. Sob a influência de Carrieri, a disciplina na UFMG se consolidou de maneira dinâmica, reflexiva e crítica, em contraste com uma abordagem técnica e instrumental. Demonstramos a relevância da história como fonte para a teoria organizacional, construção curricular e a formação de futuros administradores.

Palavras-chave

História. Teorias da Administração. Carrieri. UFMG.

FORJANDO ARTESANALMENTE UNA PERSPECTIVA REFLEXIVA PARA LAS TEORÍAS DE LA ADMINISTRACIÓN

Resumen

Este artículo analiza la trayectoria de la disciplina "Teoría de la Administración I" en el currículo del curso de Administración de la Universidad Federal de Minas Gerais de 2004 a 2022, centrándose en el trabajo del profesor Alexandre de Pádua Carrieri en su formatación. El marco teórico aborda la historia de la Administración y los planes de estudio, especialmente la "Teoría General de la Administración". A través de una investigación cualitativa, histórica y documental, analizamos los programas de la disciplina disponibles en el sitio web de la institución. Se reflejan las principales continuidades y rupturas del programa, destacando las influencias personales e institucionales en su formulación. Bajo la influencia de Carrieri, la disciplina en la UFMG se consolidó de manera dinámica, reflexiva y crítica, en contraste con un enfoque técnico e instrumental. Demostramos la relevancia de la historia como fuente para la teoría organizacional, la construcción curricular y la formación de futuros administradores.

Palabras clave

Historia. Teorías de la Administración. Carrieri. UFMG.

HANDCRAFTING A REFLECTIVE APPROACH TO MANAGEMENT THEORIES

Abstract

This paper analyzes the trajectory of the "Management Theory I" discipline in the curriculum of the Administration course at the Federal University of Minas Gerais from 2004 to 2022, focusing on the work of professor Alexandre de Pádua Carrieri in its formatting. The theoretical framework addresses the history of Management and curriculum, especially the "General Theory of Management." By means of qualitative, historical, and documentary research, we analyzed the discipline's programs available on the institution's website. The main continuities and ruptures of the program are reflected, highlighting personal and institutional influences in its formulation. Under the influence of the Carrieri, the discipline at UFMG was consolidated in a dynamic, reflective, and critical manner, in contrast to a technical and instrumental approach. We demonstrate the relevance of history as a source for organizational theory, curriculum construction, and the training of future administrators.

Keywords

History. Management Theories. Carrieri. UFMG.

CONTRIBUIÇÃO

Gabriel Farias Alves Correia

O autor declara ter contribuição principal na etapa de financiamento, e equânime nas etapas de concepção, teorização, coleta de dados, análise e conclusão desta contribuição.

José Vitor Palhares dos Santos

O autor declara ter contribuição secundária na etapa de financiamento, e equânime nas etapas de concepção, teorização, coleta de dados, análise e conclusão desta contribuição.

Kaió Lucas da Silva Rosa

O autor declara ter contribuição secundária na etapa de financiamento, e equânime nas etapas de concepção, teorização, coleta de dados, análise e conclusão desta contribuição.

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Os autores declaram que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisas de Minas Gerais (Fapemig) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível

Superior (CAPES) pelos recursos que viabilizaram a realização do estudo a partir do qual os dados desta contribuição foram obtidos.

COMO CITAR

Correia, Gabriel F. A., Santos, José Vitor P. & Rosa, Kaio L. S. (2023). Forjando artesanalmente uma abordagem reflexiva para as teorias da administração. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 10(29), 441-487.